



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE - PARAÍBA**

LARISSA BARBOSA BARROS

O ESTUDO DO SOLO NO COTIDIANO DO ALUNO DE ENSINO FUNDAMENTAL

**CAMPINA GRANDE, PB
2016**

LARISSA BARBOSA BARROS

O ESTUDO DO SOLO NO COTIDIANO DO ALUNO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de conclusão de curso em forma de Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lédiam Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B277e Barros, Larissa Barbosa
O estudo do solo no cotidiano do aluno de ensino fundamental
[manuscrito] / Larissa Barbosa Barros. - 2016.
46 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Lédiam Rodrigues Lopes Ramos
Reinaldo, Departamento de Geografia".

1. Solo 2. Ensino de Geografia 3. Ensino Fundamental I.
Título.

21. ed. CDD 631.4

LARISSA BARBOSA BARROS

O ESTUDO DO SOLO NO COTIDIANO DO ALUNO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de conclusão de curso em forma de Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

Aprovada em 22 de março de 2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ledian Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo
Universidade Estadual da Paraíba
Orientadora



Prof. Ms. Maria das Graças Ouriques Ramos
Universidade Estadual da Paraíba
1ª Examinadora



Prof. Dr. Joana d'Arc Araújo Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba
2ª Examinadora

A Deus, que me fortalece, guia e ilumina meu caminho, sendo minha fonte de sabedoria, a minha mãe que é a minha base suprema, e juntos fazem com que eu persista na busca de meus objetivos.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me concedeu o dom da vida e está ao meu lado, não apenas nos dias de universitária dando-me força e coragem durante toda a caminhada, permitindo que isso acontecesse, mas guiando-me a cada momento da minha existência.

Minha eterna gratidão à minha mãe Socorro Barros, pelo amor, dedicação e paciência, por tudo que fez e faz por mim, e por nunca ter desistido e ter sempre me dado força para ir além. A minhas irmãs Elaine e Alana por todo apoio.

A todos os meus colegas e amigos meu muito obrigado pelas palavras, apoio, paciência, amizade e companheirismo. Meus agradecimentos aos companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

Em especial às minhas duas companheiras de caminhada Luciana Teófilo e Edina Nunes, que foram peças fundamentais no processo e conclusão dessa etapa de vida. Pelas alegrias e conquistas, e por tudo que foi vivenciado dentro e fora do espaço acadêmico.

Agradeço a todos os professores que contribuíram de forma significativa com minha formação. A UEPB, em especial o campus I.

E um agradecimento todo especial a minha orientadora Prof^a. Dr^a Lédiam Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo, que aceitou meu pedido de ser minha orientadora, pelo suporte, pelas suas correções e incentivos, pela orientação, apoio e confiança e todo seu empenho dedicado à elaboração deste trabalho.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

BARROS. Larissa Barbosa. **O ESTUDO DO SOLO NO COTIDIANO DO ALUNO DE ENSINO FUNDAMENTAL**. 46 Páginas. Monografia. UEPB. CEDUC. Departamento de Geografia, 2016.

RESUMO

A contribuição da Geografia no ensino de solo se dá a partir de seu objeto de estudo, o espaço geográfico. O ensino na forma de instrução auxilia na aprendizagem, que faz manifestar as habilidades e competências do aluno e, conseqüentemente aperfeiçoá-las. Esta pesquisa fundamenta-se no estudo sobre a necessidade de reavaliação e valorização dos estudos de solo no Ensino Fundamental. O presente estudo, aplicado nas turmas de alunos de 6º a 9º ano do ensino fundamental da Escola Ademar Veloso da Silveira, relata e analisa os resultados da pesquisa sobre o ensino do solo no ensino público. Conclui-se que a educação geográfica não é fácil, e para tanto, surge a urgente necessidade de mudança no sistema de organização das escolas em geral e principalmente a forma de “ensinar”, assim as atividades suscitaram a compreensão do solo como componente da paisagem geográfica e ajudaram a ampliar conhecimentos teóricos expostos em sala de aula. Assim, o objetivo dessa pesquisa é atentar para uma melhor conscientização sobre a importância do solo na vida de alunos e professores, bem como a necessidade de reavaliação e valorização dos estudos de solo no Ensino Fundamental.

Palavras-Chave: Ensino de solos, Geografia, Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The contribution of geography teaching in soil occurs from its object of study, the geographic space. Teaching in the form of instruction aids in learning, which makes manifest the abilities and skills of the student and hence improve them. This research is based on the study of the need for re-evaluation and enhancement of soil studies in elementary school. This study was applied to 6 students of classes to 9th grade of primary School Ademar Veloso da Silveira, reports and analyzes the results of research on the ground teaching in public education. It is concluded that geographical education is not easy, and for that, there is the urgent need for change in the system of organization of schools in general and especially how to "teach", so the activities raised the understanding of soil as landscape component geographic and helped broaden theoretical knowledge exposed in the classroom. The objective of this research is to consider a better awareness of the importance of soil in the lives of students and teachers, as well as the need for re-evaluation and enhancement of soil studies in elementary school.

Keywords: Soil Education, Geography, Primary School.

LISTA DE ABREVIATURAS

LDB- Lei de Diretrizes e Bases

MEC- Ministério da Educação e Cultura

PNE - Plano Nacional de Educação

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Representação do que é geografia para os alunos.....	30
FIGURA 2: A importância e Utilização do estudo de Geografia.....	31
FIGURA 3: Definição de Solo.....	32
FIGURA 4: relação entre Geografia e estudo do Solo.....	32
FIGURA 5: Composição do Solo.....	33
FIGURA 6: Conteúdos sobre solo.....	33
FIGURA 7: Tipos de solo.....	34
FIGURA 8: contribuição do estudo de solo.....	35
FIGURA 9: importância do estudo de solo.....	35
FIGURA 10: papel do solo para o desenvolvimento humano.....	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 Recorte Histórico da Evolução da Geografia.....	14
2.2 A Geografia no Ensino Fundamental.....	18
2.3 Estudo do Solo	20
2.4 O Estudo do Solo no Ensino Fundamental.....	23
3. METODOLOGIA.....	27
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
6. REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICES.....	45

1. INTRODUÇÃO

A preocupação com o ensino de Geografia, em especial no ensino fundamental da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira, é a base norteadora da elaboração e do desenvolvimento desta pesquisa. As diferentes proposições que vêm sendo apresentadas ao longo do tempo têm propiciado um constante repensar da prática pedagógica do ensino da Geografia, levando em consideração as atuais necessidades sociais. Esta pesquisa fundamenta-se no estudo sobre a necessidade de reavaliação e valorização dos estudos de solo no Ensino Fundamental.

É notória a grande dificuldade de aprendizado por parte dos alunos em relacionar os conceitos da disciplina com o espaço geográfico no qual eles estão inseridos, dessa forma observa-se a necessidade de se reavaliar o ensino de acordo com as exigências da realidade social.

Durante muito tempo, e até hoje, o professor foi o encarregado de transmitir o conhecimento, e o aluno, de recebê-lo. Mas, atualmente, a tendência é a modificação da relação entre o professor e o conhecimento e entre este e a aprendizagem. E cada vez mais percebe-se a necessidade de modificar a forma como o conhecimento é repassado ao aluno. Assim, o objetivo dessa pesquisa é atentar para uma melhor conscientização sobre a importância do solo na vida de alunos e professores, bem como a necessidade de reavaliação e valorização dos estudos de solo no Ensino Fundamental.

O ensino na forma de instrução auxilia na aprendizagem, que faz manifestar as habilidades e competências do aluno e, conseqüentemente aperfeiçoá-las. Tanto a escola como os alunos mudaram, a oferta de informação faz com que se busque novos caminhos.

Quando se trata de ensino, sempre existem dilemas, o ensino fundamental tem deixado a desejar no que se trata da disciplina em questão. A Geografia abrange explicações de todo o mundo, mas, por que aos olhos dos alunos ela torna-se tão desinteressante e desestimulante? Por que conteúdos de Geografia são ensinados em outras disciplinas? Em razão disso, este estudo vem pela necessidade de aprofundar questões como o desenvolvimento do raciocínio geográfico, em que consiste e como se processa nos diferentes níveis e anos de estudo.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É de suma importância em qualquer idade, os conhecimentos adquiridos ao longo de uma formação intelectual, que seja consciente e qualitativa. A educação é uma prática que distingue os homens dos demais seres vivos. Sua evolução está ligada à evolução da própria sociedade, assumindo um importante papel no processo de humanização e transformação social. (DEZOTTI, 2010; p. 81).

A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas (FREIRE, 1996, p. 76).

A educação enfrenta hoje, inacreditáveis desafios, diferentes e muito mais sérios do que quantos já se lhe apresentaram durante a sua longa história. A questão é sabermos se ela está em condições de responder a esses desafios. (DEZOTTI, 2010; p. 82). Isso é um dos fatores capazes de determinar se a humanidade caminha para o seu crescimento, pois, “pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 44).

A relação entre educação, escola e sociedade está sendo alvo de uma transformação contínua, que influencia o modelo vigente de educação, de escola e de sociedade. Assim, o discurso oficial do governo refere-se à qualificação da educação como potencializadora do desenvolvimento do país. De acordo com os objetivos gerais expostos pelo Plano Nacional de Educação Para Todos (BRASIL, 1993; p. 21) em que:

Para que o país volte a se desenvolver, impõe-se um ajustamento econômico e financeiro, que torne possível novo modo de inserção na ordem econômica internacional [...] tal processo gerará mudanças na composição dinâmica nas estruturas de empregos das formas de organização da produção, o que requer alterações correspondentes nas estruturas e modalidades de aquisição e desenvolvimento das competências humanas.

Nessa perspectiva, o interesse da classe trabalhadora na qualidade da educação faz sentido na medida em que essa escola poderá colocar em prática projetos políticos – pedagógicos que permitam o desvelar da realidade contribuindo

com a formação da consciência crítica para que possa organizar-se enquanto classe cultural e lutar pela sua hegemonia (FRIGOTTO, 1989).

Refletir sobre o ensino de Geografia tem sido um motivo muito significativo para se pensar a Geografia. Afinal, produzir conhecimento geográfico, teorizar sobre ele, para muitos de nós, tem a finalidade do aprendizado, pois que, envolvidos com o Ensino Básico ou no nível universitário – pela formação de professores, esta tem sido uma questão muito presente e necessária. (CALLAI, 1988; p. 60)

A respeito do ensino fundamental há que se considerar, para início de conversa, as modificações na estrutura do ensino escolar decorrentes da LDB (Lei de Diretrizes e Bases). Pela legislação oficial:

O ensino fundamental obrigatório, com duração de nove anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos seis anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (LDB – Seção III – DO ENSINO FUNDAMENTAL – Art. 32).

A reflexão, neste momento de tantas mudanças, é significativa no sentido de vislumbrar alternativas possíveis para tornar a escola ligada com a vida, resguardando sempre o seu papel.

Este trabalho trata de fazer uma reflexão sobre o ensino de Geografia atual, como se dá o ensinar geografia nos dias de hoje. Nota-se que se faz necessário uma formulação de certos questionamentos por parte dos professores, remetendo a temas centrais como: Para que ensinar geografia? Por que ensinar Geografia? Qual será a influência que a geografia tem na vida dos alunos? De acordo VESENTINI (1999), *A Geografia deve proporcionar ao aluno a construção de conceitos que o possibilite compreender o presente e pensar com mais responsabilidade no seu futuro*. Porém infelizmente, é crescente o desinteresse dos alunos para com a disciplina. O conteúdo de Geografia, por meio de representação feita pelos alunos, deveria ser mais ligado com a vida, mais aprofundado e explorado para não ser tão superficial, menos ideológico e menos autoritário no sentido de se adotar/aderir à

ideia do autor do livro didático ou do professor; deveria ser mais de análise crítica e de compreensão da realidade em que vivemos(CALLAI, p. 73)

A Geografia há certo tempo atrás era tida como uma disciplina desinteressante e refutável onde o Brasil não dava a devida importância. Ou seja, isso deixa claro que o país ainda não sabia o real valor da ciência Geográfica e principalmente do tamanho de sua importância e utilização. Essa disciplina tem os conteúdos indispensáveis à racionalização do ensino.

A ideia que se tinha a respeito do ensino de Geografia como é exposto por (AZEVEDO 1935; p.67) é que:

[...] Para a grande maioria dos que ensinavam a matéria por este vasto Brasil, saber a Geografia era conhecer, sem titubear 83 afluentes do rio Amazonas, 44 Vulcões do Equador ou 25 cabos da Guatemala; era saber, de traz para diante ou salteado, a superfície e a população de todos os países do globo; e que, falar nas diretrizes do ensino geográfico moderno a quem assim se habituou, era dar provas da mais refinada ignorância ou, pelo menos, de indiscutível preguiça mental.

Por isso tudo, a Geografia foi aos poucos sendo modificada e reestruturada sem fugir as suas origens, porém ficando mais próxima do “real”. É imprescindível que sejam dados os devidos méritos à reforma do ensino em 1931, intitulada “Reforma Francisco Campos”, ela estabeleceu oficialmente, em nível nacional, a modernização do ensino secundário brasileiro, que abriu as portas para a modernização do mesmo, com um olhar mais aguçado e voltado para o modo de ensinar, de passar o conhecimento ao aluno. (CAMPOS, 1933, p.7). Ela redefiniu em primeiro lugar os saberes a serem ensinados nas escolas. Desse modo, ao tratar da reforma ele sintetiza:

A verdadeira educação concentra o seu interesse antes sobre os processos de aquisição do que sobre o objeto que eles têm em vista, e a sua preferência tende não para a transmissão de soluções já feitas, acabadas e formadas, mas para as direções do espírito, procurando criar, com os elementos constitutivos do problema ou da situação do fato, a oportunidade e o interesse pelo inquirido, a investigação e o trabalho pessoal em vista da solução própria e, se possível, individual e nova. (CAMPOS, 1933, p.7)

É inegável que coube a tal reforma o papel de abrir novos horizontes ao ensino da ciência geográfica. Nos dias atuais pode-se perceber claramente a forma como os professores e alunos aceitam a “nova” forma de Ensino-Aprendizagem.

2. 1 - Recorte Histórico da Evolução da Geografia

A Geografia enquanto disciplina escolar se dá de forma tardia, levando-se em consideração a sua legitimação enquanto Ciência. Ela institucionaliza-se como ciência no século XIX, assim surgem autores renomados, como os alemães Ratzel, Ritter e Humboldt, e o francês Vidal de La Blache que elevaram a curiosidade de demais estudiosos a desenvolver e aprofundar pesquisas sobre temas que englobava a Ciência Geográfica. (OLIVEIRA e CAMPOS, 2011. p. 103).

Nesse momento os estudos procuravam analisar o contexto homem-natureza. No Brasil foi implantada como disciplina escolar obrigatória em 1837, sendo o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro o precursor do ensino de Geografia em território brasileiro. Porém em sua implantação era destinada a uma elite que ansiava a inserção e atuação na vida política, até então era uma disciplina apenas destinada a nomear componentes do espaço. (BRASIL, 1998. p.19)

A transmissão da Geografia, como disciplina escolar, utiliza como base fundamental e referencial a Geografia Tradicional que, enraizada no positivismo clássico analisa a realidade de forma “científica” e neutra, ou seja, ela deixa de lado as reflexões voltadas para o social, a produção do espaço, e afastando-se de qualquer propósito que possa contribuir para sua transformação. (Cadernos Geográficos, 2005) Essa concepção positivista reflete uma Geografia meramente descritiva, colocada a serviço do congelamento da história e dos conceitos que cria. Logo, considerava o ensino como algo pragmático, pronto e acabado, sendo visto por alguns pensadores como imutável.

Aproximadamente por volta de 1870, a Geografia como ciência autônoma foi influenciada pelo positivismo, mas também pelo historicismo e mais adiante pelo funcionalismo/ estruturalismo. Esta influência deu origem ao que hoje denominamos de Geografia Clássica. Após a Segunda Guerra Mundial, nota-se que essa Geografia estava defasada, necessitando de uma renovação/reconstrução, assim passa a ser chamada de geografia Teorética ou Quantitativa. Essa segunda denominação que muito está ligada à discussão do sentido de vida, recebeu várias críticas algum tempo a frente. Como pode-se analisar na afirmativa de OLIVEIRA e CAMPOS:

A Geografia Teorética-quantitativa tinha como foco de seus estudos a mensuração e quantificação de dados estatísticos, não se aprofundando na análise qualitativa e constatação de que esses dados expressavam verdadeiramente a realidade estudada. Isso acabou ancorando a Geografia Escolar um legado de ser uma disciplina ligada meramente a questões quantitativas e acentuando a característica de ser eminentemente uma disciplina de memorização. (2011; p104)

No que se refere ao dia - a - dia da Geografia na sala de aula, era vista como uma disciplina centrada apenas na transmissão de conteúdos pretensamente neutros e que mascara as determinações e contradições do espaço. Não há preocupações em articular e estabelecer relações entre o conteúdo ensinado e as realidades sociais e espaciais do cotidiano da turma, como se a geografia não fosse capaz de explicar a influência do homem no meio em que está inserido. Por muito tempo ela foi tida como uma Geografia Tradicional, onde na verdade era restritiva, isso fica claro nas palavras de Seabra: (apud)

Fala da população, mas não da sociedade; de estabelecimentos humanos, mas não aborda as relações sociais; das técnicas e dos instrumentos de trabalho, mas não do processo de produção. Discute a relação do homem com a natureza, mas não as relações sociais, abstraindo assim do homem o seu caráter social (1984, p.08).

Desse modo, as noções e conceitos relacionados às questões do espaço e tempo, eram sempre utilizadas de forma “pronta” com termos técnicos que deixam a Geografia como algo distante do aluno, do seu próprio espaço e do seu tempo, despertando no aluno o sentimento de desinteresse pela disciplina e pelo desejo por novos conhecimentos. Essa Geografia Tradicional faz com que o aluno não participe da construção de novos conhecimentos e, principalmente, da compreensão e entendimento de seu mundo. Que acostume-se na mesmice e tornando-se incapaz de ser uma pessoa crítica que está atento ao que acontece a sua volta de forma consciente, despertando o desejo de pôr em prática o hábito da “mudança”. (Cadernos Geográficos, 2005)

Essa forma de tratar e utilizar a Geografia, a torna estática e “chata”, onde o aluno a vê apenas como uma obrigação, e não como fonte de conhecimento. Tendo como base essa forma de ensino, o aluno só recorre a Geografia nas vésperas das avaliações para o famoso método de “decorar os conceitos”.

Em meados do da década de 1970, a Geografia é renovada que é considerado como ponto inicial nas discussões sobre o ensino de Geografia, na

perspectiva de inovar nos processos metodológicos, ocorrendo alterações em seus conceitos e métodos. Assim, nesse sentido nasce a Geografia Crítica, que propunha que o aluno fosse capaz de ser crítico-reflexivo, mediante a sua realidade. (Cadernos Geográficos, 2005)

Fazendo uma análise histórica da educação no Brasil, nota-se que: A política educacional tem se caracterizado por uma sucessão de ações que na sua maioria têm visado à consolidação de uma ideologia dominante, excluindo do universo do conhecimento e, por consequência, da cidadania digna, a maioria da nossa população. (GEBRAN 2002, p. 85). Ou seja, uma política que não foi pensada na realidade e muito menos se aproxima da mesma. Assim vê-se a necessidade de se implantar normas regulamentadoras voltadas para o ensino.

Em 1996, o Ministério da Educação e Cultura apresenta, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental como propostas norteadoras para as diferentes áreas do conhecimento. Ou seja, um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País, cuja função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual. (BRASIL, PCNs, 1997, p 106).

Os PCNs defendem a ideia da descentralização educacional, porém aliada a centralização política que regem as decisões. No entanto essas normas são um tanto utópicas, pois criam um “ideal” de professor que não existe, e trata escolas e professores de forma distante da realidade de ambos. Voltando-se para a disciplina em questão, busca-se:

Uma Geografia que não seja apenas centrada na descrição empírica das paisagens, tampouco pautada exclusivamente na interpretação política e econômica do mundo; que trabalhe tanto as relações socioculturais da paisagem como os elementos físicos e biológicos que dela fazem parte, investigando as múltiplas interações entre eles estabelecidas na construção de um espaço: o espaço geográfico. (BRASIL, PCNs, 1997, p. 106).

Assim, cabe ao professor possibilitar o entendimento por parte dos alunos da visão de espaço e da Geografia como ciência que estuda e pesquisa o espaço. E ao

aluno, compreender as relações socioculturais sem deixar de lado as dinâmicas dos processos físicos e naturais, compondo assim o “conhecimento geográfico”.

Nas propostas curriculares produzidas nos últimos tempos, a Geografia apresenta problemas tanto de ordem epistemológica quanto de pressupostos teóricos, principalmente ao que se refere à escolha do conteúdo. Observa-se que os conteúdos fundamentais da disciplina são deixados de lado, uma grande perda, tendo em vista que são conceitos-chave na produção/construção do conhecimento geográfico, como as categorias de nação, território, lugar, paisagem e espaço (BRASIL, 1998, p.109).

Nota-se ainda a separação da Geografia humana da Geografia física nas propostas pedagógicas, ou seja, em uma abordagem social, a natureza é mero acessório, o que dificulta a internalização do conteúdo trabalhado e o consequente aprendizado, uma vez que o educando não consegue relacionar a Geografia física à Geografia humana, como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.109): “A geografia estuda as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem”.

A Geografia precisa ser transformada numa disciplina viva, abandonando a ideia de disciplina chata e cansativa, despertando no aluno a valorização da mesma e superando desafios. Propõe-se que se desenvolva uma Geografia que faça parte do cotidiano, dando condições para o aluno integrar-se na sociedade. (NUNES. 2004. p, 162) O trabalho tem que ser em conjunto entre educadores e educandos. Onde alunos sejam mais que alunos, tornem-se cidadãos críticos não para a disciplina, mas para o mundo.

Dessa forma, é necessário que o aluno, desde cedo, aprenda a observar, concretizar a realidade, interpretar e analisar criticamente, alcançando assim os objetivos principais da Geografia, que devem estar pautados na vivência do aluno, que leva para a sala de aula experiências de vida adquiridas fora da escola, as quais, muitas vezes, são ignoradas no trabalho escolar. (NUNES. 2004. p, 162)

Essa interação deve propiciar a observação, percepção, análise e compreensão do espaço geográfico enquanto espaço da ação humana em interação com a natureza, portanto, espaço social, histórico, em permanente movimento e

transformação, com inúmeras contradições, resultado das múltiplas determinações da ação humana.

2.2 - A Geografia no Ensino Fundamental

O ensino de Geografia deste trabalho foi baseado no Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, período onde o aluno deveria ampliar seu conhecimento geográfico, sendo assim a continuidade do aprendizado adquirido nos anos anteriores de vida escolar, e abrindo as portas à aquisição de conhecimentos mais complexos que serão inseridos no Ensino Médio e que requerem um maior desenvolvimento analítico e interpretativo dos alunos de fatos e fenômenos geográficos presentes em seu cotidiano e além deste. (OLIVEIRA e CAMPOS, 2011. p. 106).

O ensino de Geografia no ensino fundamental e médio ha muito tem deixado a desejar. Nesse sentido, o desinteresse dos alunos pela disciplina e pelas demais e o resultado do completo sucateamento da Educação, onde ha ausência de tudo: materiais e recursos didáticos, infraestrutura física, baixos salários e deficiência na formação dos professores e demais profissionais da Educação, etc. (STRAFORINI, 2001. p, 21).

Em meio às disciplinas oferecidas no Ensino Fundamental sentimos que, muitos alunos, nos primeiros anos ainda não têm clareza de como é produzido e utilizado o conhecimento geográfico no seu cotidiano. Não podemos mais negar a realidade ao aluno. A Geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, se preocupar com o futuro através do inconformismo do presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento. (STRAFORINI, 2001. p, 23)

Logo percebe-se a necessidade de que os conteúdos oferecidos aos alunos estejam próximos da realidade dos mesmos, facilitando assim o entendimento e a construção do aluno enquanto sujeito crítico e atuante na sociedade que abraçam a realidade dos indivíduos, sendo compromisso teórico e prático de tal disciplina instigar a reflexão do conjunto de relações que se dá no espaço geográfico. (OLIVEIRA e CAMPOS, 2011. p. 106).

No que se refere ao ensino fundamental, é importante considerar quais são as categorias da Geografia mais adequadas para os alunos em relação a essa etapa da

escolaridade e às capacidades que se espera que eles desenvolvam. (BRASIL, 1998. p,27)

É fato que a Geografia Escolar no Ensino Fundamental, tem em suas mãos uma vasta quantidade de conteúdos de temáticas variadas, que possibilitam aos alunos analisar e interpretar a interação homem, sociedade e natureza e as transformações sofridas ao longo dos anos, (OLIVEIRA e CAMPOS, 2011. p. 107), porém a Geografia é uma das disciplinas onde há uma maior rejeição por parte dos alunos, pelo fato de não verem utilidade dela fora da sala de aula. Sabe-se que este é uma forma errônea de caracterizar a disciplina, assim é papel do professor mostrar ao aluno a amplitude da Geografia e ajuda o aluno a usufruir do conhecimento adquirido pondo-o em prática.

O conteúdo de Geografia escolar, atualmente, tem sido o de descrever alguns lugares e alguns problemas, sem conseguir dar conta de pensar o espaço. Pensar o espaço supõe dar ao aluno condições de construir um instrumental que seja capaz de permitir-lhe buscar e organizar informações para refletir em cima delas. Não apenas para entender determinado conteúdo, mas para usá-lo como possibilidade de construir a sua cidadania. (CALLAI, 1999. p. 75)

Quando trata-se do ensino público o professor enfrenta diversos desafios, principalmente analisando a realidade dos alunos e a situação a que estão condicionados, onde precisam enfrentar o mercado de trabalho cada vez mais cedo, e estes querem apenas estudar conteúdos que acelerem esse processo e os conduza ao mercado de trabalho. É necessário que haja uma mudança na forma de ensinar e principalmente no objetivo desse ensino. Ou seja:

[...] As discussões realizadas na escola em consonância com a Geografia, de construção da cidadania, de transformação da realidade social, não podem perder sua essência ou serem sufocadas pelas necessidades e pelos desejos criados pelo sistema econômico. Nesse caso, deve primar por uma formação sólida e significativa dos alunos e que estes possam nas mais variadas situações cotidianas usarem o conhecimento geográfico para seu benefício e da coletividade. (OLIVEIRA E CAMPOS, p 108).

O papel do professor é de extrema importância para desfazer essa imagem negativa da Geografia Escolar, ele deve passar ao aluno o conhecimento científico da Geografia, dando significado ativo da disciplina na vida dos alunos. Para tal, o professor deve está apto a desenvolver seus conhecimentos e manter-se em constante renovação acadêmica. A transmissão de conteúdo não é papel apenas do

professor, é um trabalho em conjunto de Escola-Professor-Aluno, trabalhando sempre para o desenvolvimento de ambos.

Na relação aluno-professor, nota-se que para que haja um bom desempenho do aluno tem que existir o comprometimento do trabalho realizado pelo professor, e este esteja consciente de suas responsabilidades e compromissos. Faz-se necessário que o professor busque sempre novas formas de dinamizar as aulas, para que o aluno não as encare como algo desinteressante e monótono, Deve sempre buscar motivá-los para que os conteúdos despertem interesse e até mesmo superem suas expectativas. Nossa atenção para o ensino de Geografia no Ensino Fundamental é visualizar e compreender como se dá a formação do aluno, observando suas colocações bem como as dos professores diante da disciplina Geografia, analisando os objetivos propostos e a realidade pesquisada do ensino de Geografia.

2.3 - ESTUDO DO SOLO

O solo é o sustentáculo da vida e todos os organismos terrestres dele dependem direta ou indiretamente. É um corpo natural que demora para nascer, não se reproduz e “morre” com facilidade. Para dar a necessária importância ao solo e protegê-lo, é fundamental conhecer a maneira como se forma e quais os elementos da natureza que participam na sua formação. (LIMA. 2007. p, 01)

Já para ALMEIDA: Solos são Materiais provenientes da decomposição das rochas ou sedimentação não consolidada de seus grãos, sem ou com matéria orgânica. São identificados pela textura, granulometria, plasticidade, consistência, compacidade, estrutura, forma dos grãos, cor, cheiro, friabilidade, presença de outros materiais (conchas, matéria vegetal, mica, etc.) (ALMEIDA. 2004. p, 15)

O solo é visto como um elemento do meio ambiente, porém, seu conceito varia de acordo com o ponto de vista de quem o define. (OLIVEIRA, 2014. p, 211). É também entendido como um compartimento terrestre que apresenta grande dinamismo em seus constituintes e está intimamente ligado às características e aos processos que ocorrem na atmosfera, hidrosfera, litosfera e biosfera. (SILVA E MENDONÇA, 2007; p, 276).

Desse modo, COELHO o define como:

Solo é o material solto e macio que cobre a superfície da terra, como uma casca cobre uma laranja. Ao contrário da casca, que tem uma superfície relativamente uniforme quando observada a olho nu, os solos variam muito na superfície da terra, tanto com relação à sua espessura (da superfície do solo em contato com a atmosfera até a rocha que lhes deu origem), quanto em relação às suas características, tais como cor, quantidade e organização das partículas de que são compostos (argila, silte e areia), fertilidade (capacidade em suprir nutrientes, água e favorecer o crescimento das plantas), porosidade (quantidade e arranjo dos poros), entre outras características. São constituídos de água, ar, material mineral e orgânico, contendo ainda organismos vivos. (COELHO, 2013. p, 48).

Ou seja, o solo é um componente do ambiente natural e humano, que está presente no cotidiano das pessoas, e que é familiar e significativo para todos, ele deve assim ser um componente de estudo na formação do aluno com o objetivo de trazer o significado da importância do solo a eles de modo a ampliar a sua percepção do tema como parte essencial do meio ao qual está inserido, bem como a necessidade e importância da sua conservação e do seu uso racional.

O material de origem é a matéria-prima a partir da qual os solos se desenvolvem, podendo ser de natureza mineral (rochas ou sedimentos) ou orgânica (resíduos vegetais). Por ocuparem extensões consideráveis, os materiais rochosos são, sem dúvida, os mais importantes e abrangem os diversos tipos conhecidos de rochas (LIMA. 2007. p, 03).

Os estudos dos fatores físicos e químicos do solo bem como suas características constituem uma metodologia de trabalho muito importante na realização de estudos. Assim, esta pesquisa contempla a realização de um estudo prévio, que permita determinar algumas propriedades do solo, e a sua aplicabilidade no Ensino Fundamental.

O solo é um recurso natural renovável que, na sua forma mais simplificada, pode ser definido como a camada superficial da crosta terrestre, constituída por partículas minerais de vários tamanhos tendo sua composição química bem variada. Ressalta-se que, foi o russo VASILLI V. DOKUCHAEV em 1883, quem criou as bases da pedologia, após um estudo realizado na Ucrânia e na Rússia. (OLIVEIRA, 2005. p, 03) Nesse estudo ele pode detectar a existência de diferentes tipos de solos, e que estes tinham estreita ligação com as condições climáticas. Ao reconhecer que o solo não era um simples amontoado de materiais não consolidados, em diferentes estádios de alteração, mas resultava de uma complexa interação de inúmeros fatores genéticos: clima, organismos e topografia, os quais,

agindo durante certo período de tempo sobre o material de origem, produzem o solo. (IBGE, 2005)

A sua metodologia tinha por base a observação de perfis dispostos da superfície até a rocha matriz, com isso ele observou também que os solos eram formados por seções horizontais diferentes, na qual ele denominou horizontes do solo. As diferentes proporções destes componentes, o modo como se distribuem no solo e a composição da rocha mãe determinam a sua natureza. (IBGE, 2005)

É esta camada que serve de suporte às plantas terrestres e dela depende toda a vida à superfície da terra. Forma-se lentamente por processos biológicos, físicos e químicos, mas pode ser rapidamente deteriorado ou destruído por fenômenos naturais ou por práticas incorretas. (OLIVEIRA, 2005. p, 03) O componente mineral do solo resulta dos processos erosivos que levam à progressiva desagregação das rochas em elementos de diferente tamanho, variando desde partículas mais grosseiras, como o cascalho e o saibro, até partículas de dimensões mais pequenas, como a areia, o limo e a argila. (CISE, 2012. p,01)

Como recurso natural dinâmico, o solo é passível de ser degradado em função do uso inadequado pelo ser humano, acarretando interferências negativas no equilíbrio ambiental e diminuindo drasticamente a qualidade de vida nos ecossistemas, principalmente nos sistemas agrícolas e urbanos. (LIMA, 2005. p, 383) O solo, como componente essencial do meio ambiente e, portanto, à vida, tem seu estudo pouco valorado perante o ensino básico e perante outros elementos naturais como a água e o ar (WERLANG. 2009. p, 95). Desse modo:

Faz-se necessário, que haja um fortalecimento dos estudos pedológicos, norteados por um caráter sustentável, conscientizador e que integre os solos aos demais elementos da natureza e a sociedade, de maneira sistêmica e dinâmica. Essa perspectiva vem ao encontro da Educação Ambiental emancipatória, ou seja, crítica e reflexiva. Assim, objetivando-se promover a valorização dos estudos sobre solos e o despertar da consciência sobre a questão pedológica como componente do meio ambiente, portanto, que precisa ser conservado e protegido, através da elaboração de materiais didáticos à professores e alunos da educação básica, sob a perspectiva da educação ambiental. (WERLANG. 2009. p, 95)

O estudo do solo pode ser um instrumento valioso para promover a conscientização ambiental, ampliando a percepção de que ele é um componente essencial do ambiente. (AMARAL. 2013. p, 129) Numa visão geral, esse estudo destina-se a uma parcela de estudantes e professores de nível universitário, em um

estudo parcelado e unitário. Assim, pouca ênfase é dada ao assunto no ensino fundamental e médio, especialmente tratando-se dos solos numa perspectiva integral, que abarque todos os elementos da natureza e suas relações. (WERLANG. 2009. p, 96)

Sendo assim, a prática do ensino dos solos permite que o aluno, além de utilizar materiais diferenciados do cotidiano escolar, como brita, areia, argila, água, ou outros materiais de modelagem, compreendam os modelos ou as informações que estão dentro da sequência das aulas, na qual o professor deve associar acontecimentos do cotidiano para organizar o raciocínio espacial do aluno em relação às mudanças na paisagem. (FALCONI, 2011 p, 03)

2.4 - O ESTUDO DOS SOLOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

O ensino de solos nas escolas públicas ainda é pouco ou quase nada estudado, o que implica a falta de conhecimento de um elemento importante dentro do espaço geográfico, bem estudado nos ambientes acadêmicos, mas não tratado com relevância no Ensino Básico. (FALCONI, 2011 p, 02)

Quando se analisa o Ensino Fundamental percebemos que este é distante da formação acadêmica que torna-se um tanto utópica no que diz respeito a realidade do aluno, despertando então a necessidade de desenvolvermos de maneira satisfatória o ensino de solos, buscando criar no aluno o interesse por este recurso ao ser humano, sem deixar de lado a fragilidade que o mesmo possui, uma vez que muitas são as intervenções do homem sobre o meio ambiente.

Os conteúdos do tema Solos são poucos ensinados em sala de aula, primeiro, devido à dificuldade dos professores em trabalhar com essa temática; segundo pelo excesso de conteúdos que precisam organizar, deixando geralmente, a parte física para o último bimestre e que não acaba sendo contemplado pelo tempo. (FALCONI, 2011 p, 02). Para as crianças do Ensino Fundamental, o conceito de solo é muito abstrato, pois muitas vezes o estudante não tem contato algum com o solo no seu dia a dia. (OLIVEIRA, 2014. p, 211)

Podemos então dentro dessa perspectiva destacar que no ensino sobre os solos, não há a possibilidade de simplesmente “passar” o conteúdo, mas temos que dar significados a eles e organizá-los para que se destaque e mostre que essa

discussão está dentro de outros conteúdos de Geografia como urbanização, agricultura, indústria dentre outros. (FALCONI, 2011 p, 03)

A forma como o conteúdo é trabalhado nos livros didáticos contribui para que os alunos tenham uma visão errônea do solo enquanto recurso e, sobretudo deixam de reconhecer a sua importância enquanto elemento da paisagem. Esse fato pode se tornar mais grave se considerarmos que o livro didático é o principal material adotado em sala de aula. (COSTA E MESQUITA, 2010. p, 4). Somado a essas questões tem-se o fato de que as metodologias adotadas pelo/a professor/a em sala de aula, na maioria das vezes, não despertam a atenção dos/as alunos/as e não promovem o aprendizado dos/as mesmos/as. (COSTA E MESQUITA, 2010. p, 5)

Devido à importância do solo na manutenção da vida, percebemos que as crianças mesmo tendo estudado o tema solo em sala de aula, têm a visão muito restrita do que é solo e de suas propriedades. (OLIVEIRA, 2014. p, 214)

Cabe à Educação em Solos o papel de propagar e popularizar o conhecimento do solo na sua totalidade, não só para fins econômicos, como observamos que tem sido divulgado tanto na educação formal como na não formal, para que se tenha um uso racional deste recurso natural tão importante para a manutenção da vida, que é pouco conhecido e deve ser preservado. (OLIVEIRA, 2014. p, 214)

Os conteúdos programáticos abordados nas salas de aula tem o tema Solos como um dos menos importantes e são poucos ensinados. Por um lado levando-se em consideração a falta de domínio sobre o conteúdo por parte dos professores refletindo em “dificuldade” de abordar o tema, como também pela falta de organização dos conteúdos a serem abordados. Quando se consegue explicar os conteúdos de solo, no máximo, o professor expõe apenas o solo que foi modificado pelo homem esquecendo-se de ensinar toda a sua gênese.

Ao pensar na Geografia Escolar e sua importância nos conteúdos, temos que considerá-la como uma porta para despertar no aluno a constante busca por conhecimento e também as possibilidades que ele possui enquanto modificador do meio, sendo conhecedor dos fenômenos que o cercam. Nesse sentido podemos nos aproximar do pensamento de VYGOTSKY sobre o ensino escolar, onde *o desenvolvimento psicológico deve ser olhado de maneira prospectiva*, ou seja, ir além do momento atual, com referência ao que está por acontecer no futuro do indivíduo. Esse pensamento precisa ser conjunto entre professor (observando a

perspectiva do aluno e encorajando-o) e aluno (visando seu potencial e sua capacidade de agente transformador).

Existe uma grande deficiência no estudo do solo na disciplina de Geografia no ensino fundamental, quando deveria ser o contrário, pois são nas séries desses ciclos, que de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) tem que serem abordados os assuntos referentes à natureza. Porém, o que é perceptível é uma deficiência e um tratamento insuficiente. (BRASIL, 1997).

Outra notória dificuldade do Ensino dos solos é que, esse conteúdo vem sendo transmitido como componente da disciplina de ciências ao invés de ser transmitido pela Geografia. Essa situação pode ser vista inclusive nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) aplicado ao Ensino Fundamental, onde o solo é abordado principalmente no contexto das ciências naturais (BRASIL, 1997).

O solo também poderia ser abordado como um conteúdo do tema transversal "meio ambiente" em diversas matérias, em momentos específicos. Essa transversalidade foi uma forma encontrada pelo MEC para promover a aproximação entre as várias disciplinas escolares. A utilização desses temas trará para sala de aula um complemento no conteúdo, não extinguindo os conteúdos tradicionais, mas colocando em pauta temas mais próximos à realidade dos alunos. Como afirma MORENO:

Se os temas transversais forem tratados como fios condutores do trabalho da aula [...] as matérias curriculares girarão em torno deles, assim irão se transformar em valiosos instrumentos que permitirão desenvolver uma série de atividades que por sua vez, levarão a novos conhecimentos, a propor e resolver problemas [...] Isso não quer dizer que todos os conteúdos do currículo devam subordinassem exclusiva e a rigidamente estes temas, mas que no caso de se fazer esta opção metodológica, sejam tomados como ponto de partida das aprendizagens, porque assim se evitará o aprender por aprender. (1993; p 53).

O estudo do solo se relaciona com vários outros componentes como a climatologia, química e etc. Porém, FALCONI (2004) destaca que os professores avaliam que a limitação em transmitir e ensinar o conteúdo solo pode não ser resultado da complexidade do assunto, mas da formação do docente, acentuada pela dificuldade em entender o conteúdo expresso nos livros didáticos.

Não se aprende a conhecer solos apenas em textos. O professor precisa mostrar na prática o que é "solo". É preciso ter contato físico, olhar, apalpar, cheirar,

ouvir o som que produz ao ser esfregado ou socado. (ALMEIDA. 2004. p, 4). É preciso criar experiência ao repetir experimentos e analisar seus resultados, aprender com os erros cometidos, comparar índices e propriedades com comportamentos e sempre ter em mente uma importante diferença entre os solos e os outros materiais utilizados na engenharia: solos são extremamente heterogêneos. (ALMEIDA. 2004. p, 4)

É notável que uma forma didática tradicional, especialmente na área de geografia, com muitas técnicas pouco ou totalmente ineficazes, torna o ensino monótono, desconexo e desvinculado do cotidiano do aluno. Gera-se, dessa forma, conhecimentos equivocados e confusos sobre vários temas geográficos, tendo por consequência um ensino pouco eficaz. (COSTA, p. 2)

Assim com a utilização dos temas transversais haveria uma interação entre todas as disciplinas. segundo PONTUSCHKA:

Há certo consenso sobre a noção de que a prática pedagógica na disciplina escolar Geografia deve começar pelo lugar de vivência do aluno, explorando todo o potencial de conhecimento prévio, e com base nele, introduzir os conceitos científicos dominados pelo professor. (2007; p. 136).

Então, pode-se nesse sentido verificar que no ensino sobre os solos, não há a possibilidade de simplesmente “jogar” o conteúdo aos alunos, mas fazê-lo de modo a dar significados ao ensino e este, ser organizado para que se mostre que ele alia-se com temas bem comuns a realidade dos educandos como urbanização, agricultura, dentre outros inerente á sua realidade.

3 – METODOLOGIA

A contribuição da Geografia no ensino de solo se dá a partir de seu objeto de estudo, o espaço geográfico. O ensino na forma de instrução auxilia na aprendizagem, que faz manifestar as habilidades e competências do aluno e, conseqüentemente aperfeiçoá-las. Esta pesquisa fundamenta-se no estudo sobre a necessidade de reavaliação e valorização dos estudos de solo no Ensino Fundamental. O presente estudo, aplicado nas turmas de alunos de 6º a 9º ano do ensino fundamental da Escola Ademar Veloso da Silveira, relata e analisa os resultados da pesquisa sobre o ensino do solo no ensino público. Conclui-se que a educação geográfica não é fácil, e para tanto, surge a urgente necessidade de mudança no sistema de organização das escolas em geral e principalmente a forma de “ensinar”, assim as atividades suscitaram a compreensão do solo como componente da paisagem geográfica e ajudaram a ampliar conhecimentos teóricos expostos em sala de aula.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho esteve ligada, inicialmente, a uma pesquisa teórico-bibliográfica, buscando autores que já tenham abordado temas relacionados ao projeto de pesquisa em questão. Após uma análise reflexiva e crítica dos textos selecionados, foi construído o referencial teórico, que fundamentou todo o processo de pesquisa. A terceira etapa constitui a aplicação de questionários (sob forma de entrevistas) aos alunos e professores. As respostas foram transformadas em dados estatísticos para análise e interpretação dos resultados obtidos.

Essa pesquisa tem por objetivo principal fomentar a valorização dos estudos sobre solos e o despertar para a consciência sobre a questão dos componentes do meio ambiente. A investigação se caracteriza como um estudo de caso, qualitativo-explicativo. Foi realizada no município de Campina Grande no ano de 2015 na Escola Ademar Veloso da Silveira. Apresenta os seguintes aspectos metodológicos: 1) análise bibliográfica como fonte de contextualização, 2) entrevista semiestruturada. Toda a pesquisa foi realizada com intuito de fazer uma reflexão acerca do conteúdo solo ministrada no Ensino Fundamental e verificar como este conteúdo vem sendo abordado nas salas de aula e o material usado (apostilas e livro), adotados pela unidade escolar que participou do estudo em questão.

Tendo como perspectiva a educação em solos, objetiva-se trazer o significado da importância do solo na vida dos alunos de modo a ampliar a percepção que os alunos já possuem a respeito do solo, entendendo-o como parte essencial do meio em que eles vivem.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

A unidade escolar abordada nesta pesquisa, tem suas bases num estilo de ensino completamente diferente do atual voltado ao tradicionalismo - quando a educação tinha um objetivo diferente dos dias de hoje. Diante do levantamento bibliográfico pôde ser visto que o professor do ensino fundamental tem dificuldade em ver o ensino dos solos como um elemento importante da paisagem, do mesmo modo que os alunos, tornando o ensino dos solos algo mecânico e na visão do aluno um conteúdo desnecessário. O livro didático utilizado não contribui para a mudança dessa falta de interesse. Este fato já surge como um desafio, pois o livro didático que deve figurar como uma ferramenta ao educador apresenta-se como uma ferramenta falha.

O objetivo dessa pesquisa seria atentar para uma melhor conscientização sobre a importância do solo na vida de alunos e professores. As consultas ao material didático do Ensino Fundamental mostraram que o tema solo é não é abordado de forma direta, e o pouco que se apresenta induz a memorização, ou seja, um ensino pragmático e estático, que impulsiona o aluno a “decorar” os conteúdos para a realização de avaliações e não “aprendendo”.

A realização do estudo proporcionou um levantamento dos conhecimentos sobre a importância do solo por parte dos alunos na escola Ademar Veloso da Silveira. Permitindo-se também observar que o tema solo, apesar de sua importância para o ser humano, não é abordado nas aulas e não recebe a devida importância por parte da escola. Percebe-se a gritante necessidade da implantação de alternativas para a melhoria dessa situação.

No nível de ensino pesquisado, os recursos utilizados pelos professores para nortear o ensino, se dá apenas pelo uso do livro didático, e os professores são “escravizados” pelo seu uso. Ao se comparar o ensino pautado nas universidades com a realidade do aluno, nota-se que ambos estão muito distantes, apresentando diferença significativa. O livro adotado pela escola em questão é o Projeto Araribá, (Organizadora Editora Moderna. Obra Coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna. – Editora responsável: Sônia Cunha de Souza Danelli) que em nenhuma das séries analisadas direciona o estudo ao tema citado. O livro dedica-se a temas como território, região, industrialização, compreensão de mundo. O solo em si vem subentendido em meio a outros temas que relacionem-se com o

mesmo. São eles, relevo, degradação e agropecuária. Eles ignoram abordagens interdisciplinares ou ecológicas. Na maioria das vezes, os estudantes não percebem que o solo apresenta importância, e em sua grande maioria consideram a temática obsoleta.

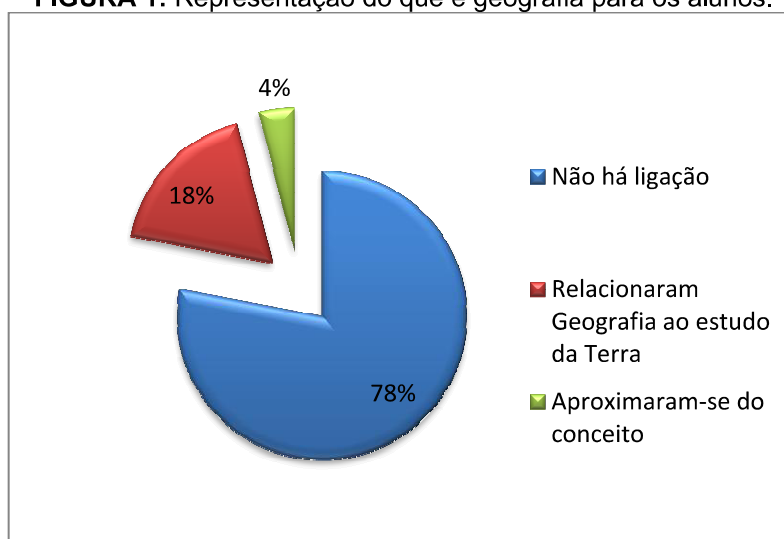
Os questionários aplicados aos alunos mostraram que os professores não dão a devida importância e pouco avaliam o conteúdo solo existente no livro didático. Da mesma forma abordam o tema nas suas aulas. Na escola em questão, participaram 100 alunos, sendo divididos em quatro turmas representando o Ensino Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º anos) de ambos os sexos com idade entre 10 a 15 anos. Ressaltando que todas as perguntas apresentadas nas quatro séries foram iguais. As perguntas questionavam se os alunos tinham conhecimento sobre solo.

Procurou-se relatar algumas perguntas e as respostas mais comuns entre as crianças do Ensino Fundamental verificando o que conhecem sobre o solo:

Em relação ao questionamento sobre o conceito da ciência Geografia, obteve-se:

Ao analisar a figura 1, observa-se que 78% dos alunos não souberam responder a pergunta. 18% relacionaram o conceito de geografia ao estudo da Terra e apenas 4% aproximaram-se do conceito. Assim, verifica-se que há uma gritante necessidade de intensificar os estudos geográficos das turmas em questão. Ou seja, o professor precisa rever as metodologias aplicadas, visando auxiliar o aluno na construção do saber.

FIGURA 1: Representação do que é geografia para os alunos.

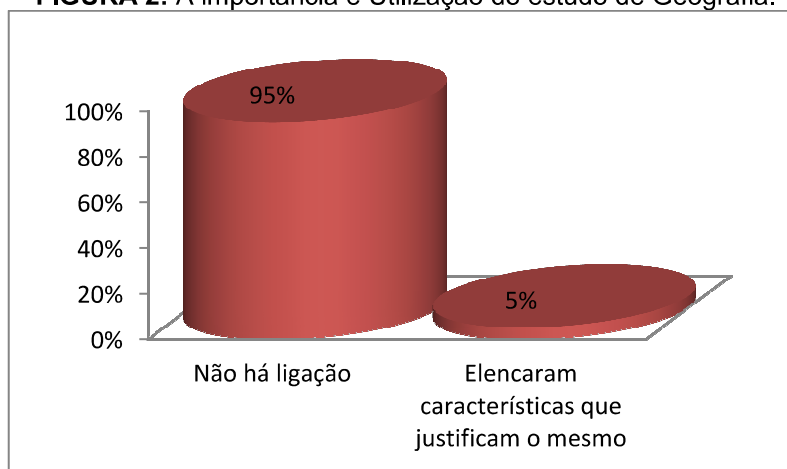


FONTE: Pesquisa de Campo realizada em agosto/2015.

A figura 2 observa-se a opinião dos alunos a respeito da importância e utilidade da ciência Geografia no cotidiano dos mesmos.

Ao fazer a leitura gráfica representada, observa-se que a maioria dos alunos 95%, não souberam aplicar a geografia a sua realidade e 5% afirmam utilizar a disciplina não apenas na sala de aula. Logo, constatou-se que precisa ser dada a devida importância á Geografia, tendo como objetivo ampliar os conhecimentos do educando garantindo assim, uma melhor aprendizagem do mesmo.

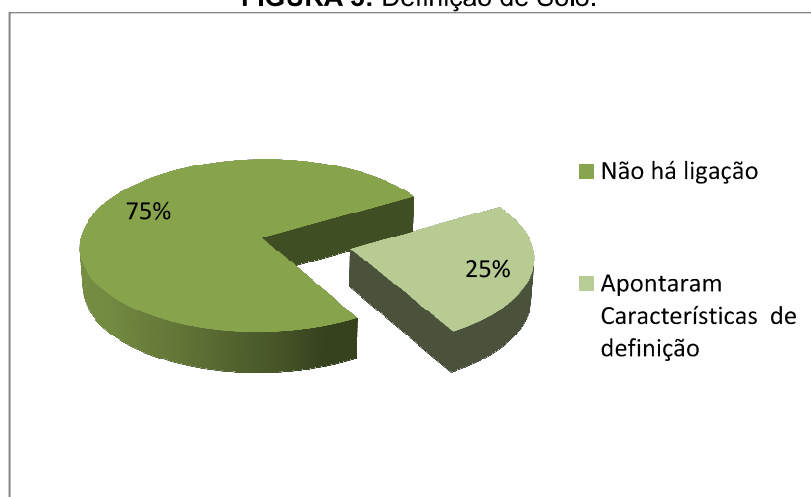
FIGURA 2: A importância e Utilização do estudo de Geografia.



FONTE: Pesquisa de Campo realizada em agosto/2015.

O item 03 foi respondido pelos alunos através da figura 3.

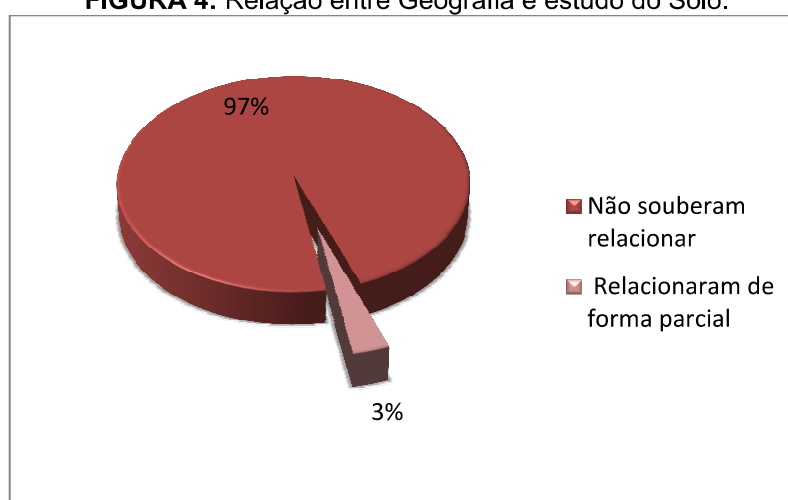
Consta-se segundo a figura 3 que 75% dos alunos desconhecem o conteúdo “solo” e os 25% que disseram conhecer a temática, associaram-na ao lugar onde “pisam”. Desse modo torna-se pertinente e fundamental o estudo do solo como parte integrante da Geografia.

FIGURA 3: Definição de Solo.

FONTE: Pesquisa de Campo realizada em agosto/2015.

A figura 4 demonstra Relaçone Geografia e Solo proposta pelos alunos ao responderem ao questionamento.

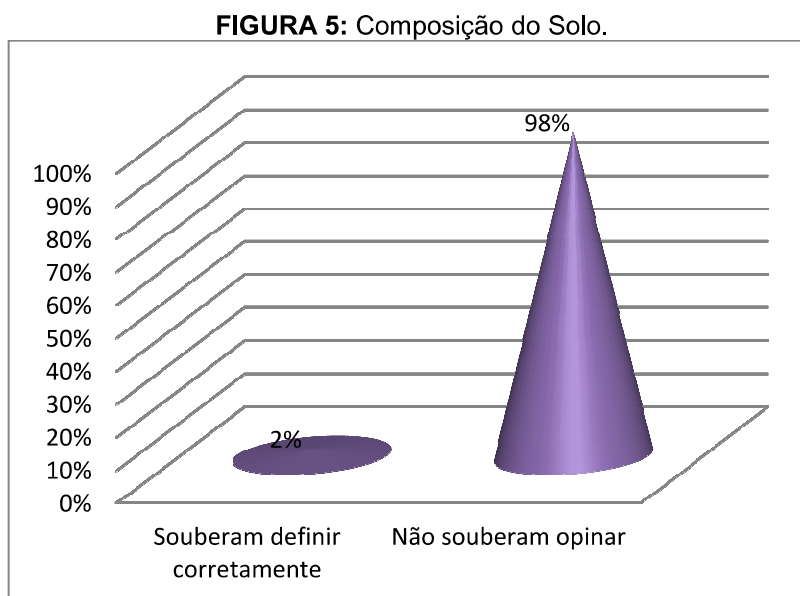
Analizamos a falta da interdisciplinaridade e integração de conteúdos de relevante importância no estudo da geografia. Onde, 97% dos alunos Não souberam resolver a questão e somente 3% responderam algo que relaciona-se com a terra.

FIGURA 4: Relação entre Geografia e estudo do Solo.

FONTE: Pesquisa de Campo realizada em agosto/2015.

A figura 5 demonstra a opinião dos alunos sobre a composição do solo.

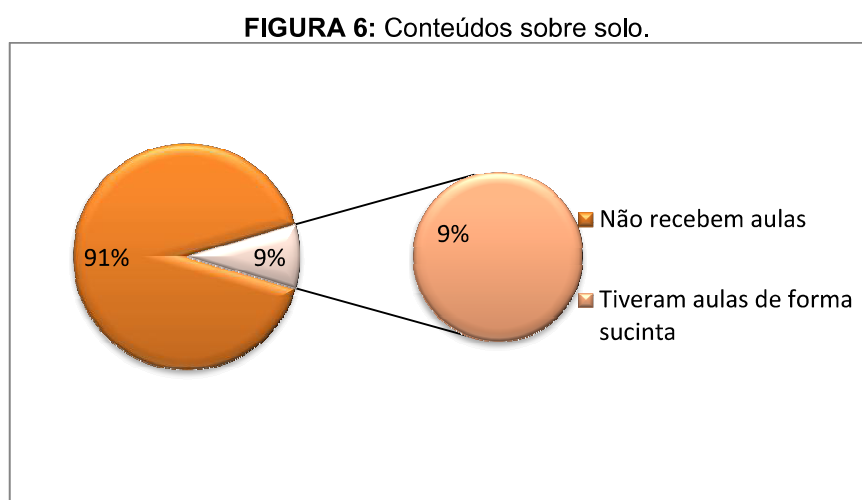
Ao fazer a leitura gráfica, constata-se a quase total ausência do conhecimento por meio do aluno, referente ao estudo do solo. Eles dizem não saber responder, pois não existem aulas a respeito do tema.



FONTE: Pesquisa de Campo realizada em agosto/2015.

A respeito do que é visto em sala de aula pelos alunos tem-se a figura 6.

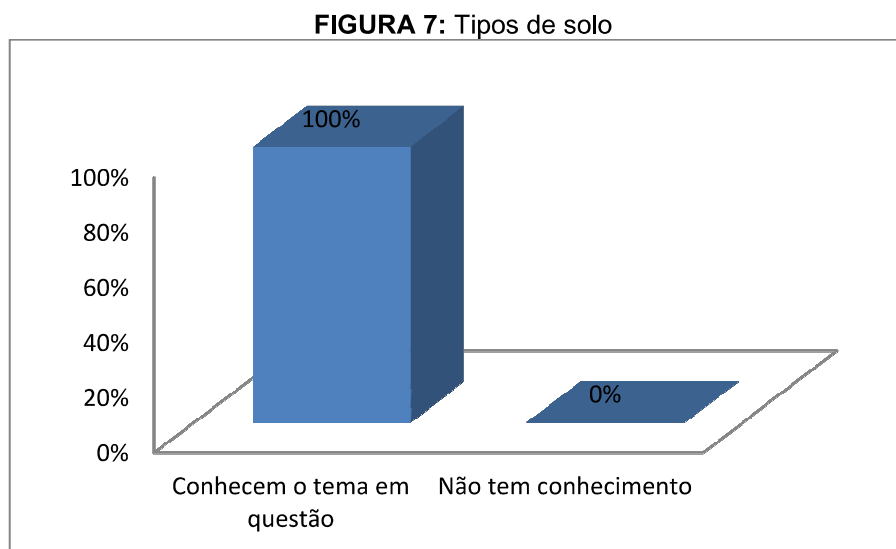
Ao analisar a leitura do gráfico 6, conclui-se que a maioria da turma afirma não receber aulas com a temática (91%), enquanto que apenas (09%) disseram estudar o solo apenas na condição de Solo “onde se pisa”. Assim, percebe-se que as turmas possuem uma deficiência significativa a respeito do conteúdo solo.



FONTE: Pesquisa de Campo realizada em agosto/2015.

Obtendo como parâmetros os conhecimentos dos alunos durante o ensino fundamental a respeito dos tipos de solo, observa-se a figura 7.

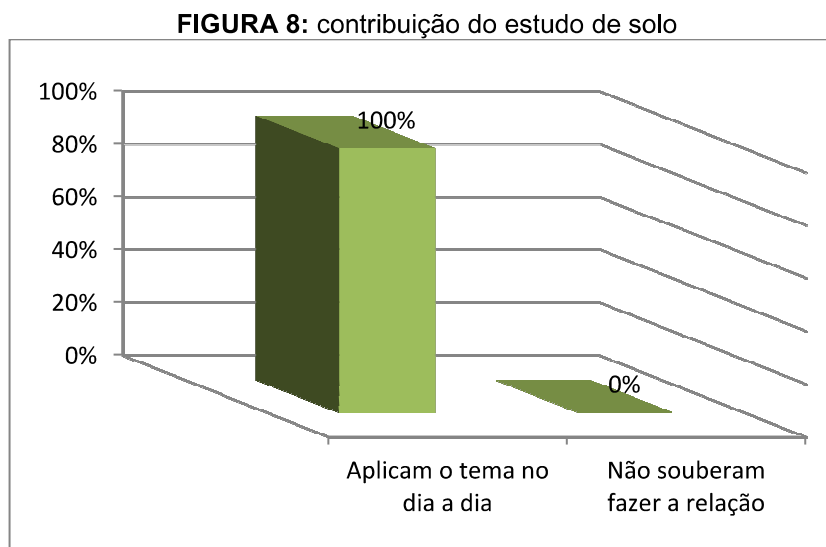
Fazendo a leitura gráfica podemos constatar a total ausência sobre o tema abordado. Todos os alunos entrevistados afirmam não ter conhecimento nenhum da temática.



FONTE: Pesquisa de Campo realizada em agosto/2015.

Interligando o conhecimento de sala-de-aula e a realidade dos alunos e de que forma os mesmos o utiliza (rão). De acordo com a figura 8.

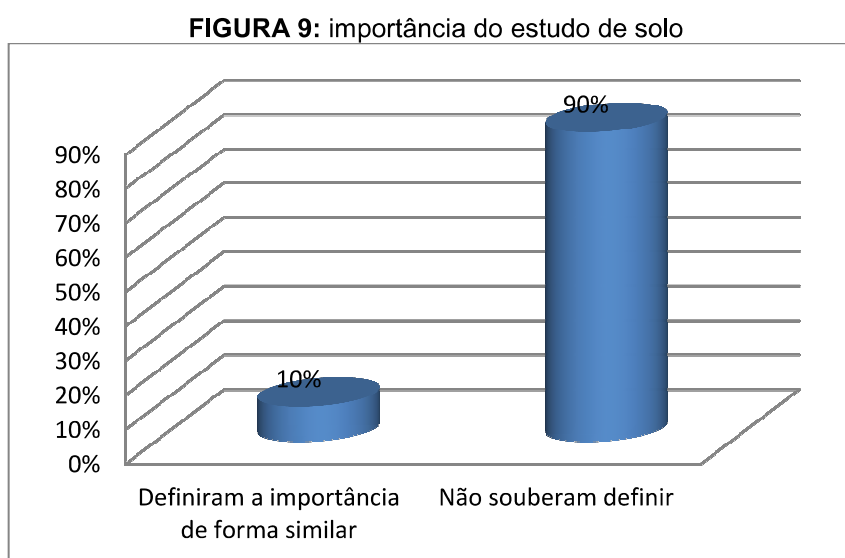
Assim como no item anterior, os alunos foram unânimes em afirmar não saber identificar qualquer que seja a serventia do estudo do solo para sua vida. Assim, nota-se que existe um imenso distanciamento do estudo em relação à realidade do educando, o que contribui para desestimulá-lo e torna-lo sem interesse pela disciplina. Pois, 100% dos alunos confirmam isto. Dizem estudar por ser um componente curricular, mas se fosse uma disciplina optativa, não a estudariam por não verem aplicabilidade em suas vidas.



FONTE: Pesquisa de Campo realizada em agosto/2015.

Tomando a figura 9 como parâmetro, tem-se a opinião dos alunos sobre a importância de se estudar os solos.

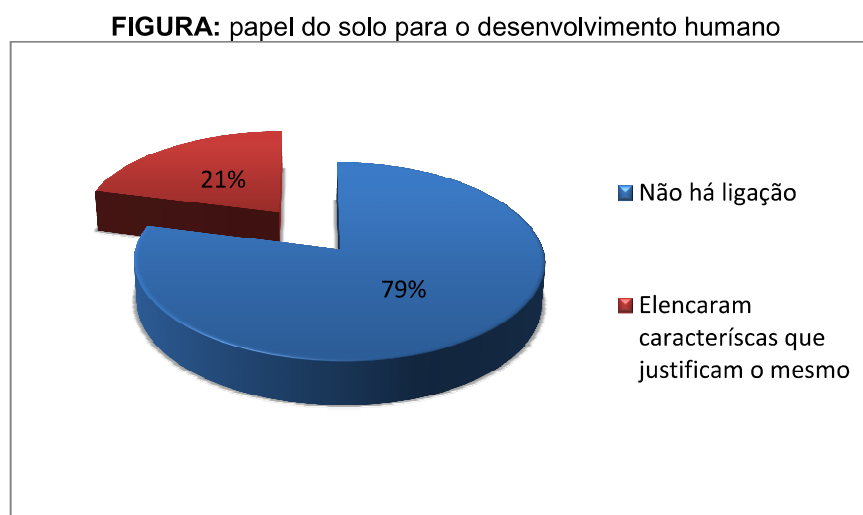
10% das turmas souberam de forma aproximada a importância do estudo dos solos, enquanto os 90% restantes, não souberam responder. Assim, é notória a necessidade de que o estudo dos solos seja inserido na grade temática das turmas, bem como associá-las a realidade do educando, pois, percebe-se que há uma dificuldade dos alunos de se colocarem sobre um tema desconhecido.



FONTE: Pesquisa de Campo realizada em agosto/2015.

Pode ser observado na figura 10 como o conhecimento dos solos pode contribuir para a evolução humana.

Conforme o gráfico constata-se que o educando apresenta dificuldades no desenvolvimento de uma visão crítica e na própria construção do conhecimento. Pois, 79% dos alunos não conseguem elencar qualquer ligação da disciplina e da temática com o desenvolvimento do homem, enquanto 21% enumeraram algumas possibilidades de conexão.



FONTE: Pesquisa de Campo realizada em agosto/2015.

Desse modo percebe-se que a grande maioria dos alunos estão desinteressados pela disciplina e pelas circunstâncias, praticamente desconhecem o conteúdo “Solo”. Assim, a metodologia tradicional precisa ser revista para que seja despertado nos alunos o interesse pela aquisição de conhecimentos sobre a disciplina, bem como pela temática em questão. Buscando aulas mais dinâmicas que envolvam sempre algo “novo” para o aluno sobre um determinado conteúdo como no caso do tema “solo” e que os educandos aprendam de verdade e não fiquem apenas no ato de memorizar. Somente dessa maneira os conceitos e fenômenos serão entendidos e compreendidos ao mesmo tempo que serão aplicados à realidade dos alunos.

Nos livros didáticos utilizados na escola em questão, o solo é tratado de forma subentendida onde existem exercícios que desenvolvem apenas habilidades de memorização dos conteúdos (preenchimento de lacunas, respostas diretas, palavras cruzadas, questões de múltipla escolha, etc.), impedindo o ato de raciocinar, imaginar e criar. Porém, para que a aprendizagem realmente aconteça, precisa ser feita de forma significativa para o aprendiz, ou seja, necessita cativá-lo como

pessoa, e fazer com que a sua realidade torne-se objeto de estudo para que o aluno sinta o orgulho de certa forma ser representado.

As aulas poderiam trazer à sala de aula mais experiências concretas para serem trabalhadas e desenvolvidas dentro de sala, onde os alunos possam interpretar a situação e literalmente “por a mão na massa”, no caso, no solo. A Geografia é uma das mais ricas ciências que se relacionam com o mundo de forma bastante significativa, assim o solo também pode ser utilizado pondo em prática toda sua interdisciplinaridade fazendo com que o professor articule o tema Solo com os demais, desenvolvendo o amplo conhecimento do aluno.

O solo é de grande importância, porém não tem a devida atenção, o ensino deste tema na educação fundamental pode ser considerado de qualidade inferior à desejada, pois está relacionado a um conjunto de fatores educacionais, sociais e econômicos e políticos. O conteúdo solos, embora abordado e regulamentado nos PCN e nos currículos escolares, apresenta sérios problemas em sua implantação e execução, por causa de falhas nos livros didáticos e na formação básica e continuada dos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tarefa do ensino é a de tornar os conteúdos expressos pelo professor, objetos de conhecimento para o aluno. Para que isso ocorra, existe a necessidade de que haja um constante diálogo entre ambas as partes no âmbito de atribuir-lhes significados necessários para uma aprendizagem significativa.

O ensino de Geografia necessita de um “repensar”, superando as formas estáticas e pragmáticas de passar conhecimento aos alunos. Ao analisar o ensino levando em consideração a visão sócio construtivista, consideramos que este é a construção de conhecimento pelo aluno, ou seja, o educando é ativo em seu processo de formação, cabe ao professor usá-lo de forma que possibilite o melhor aproveitamento do potencial do aluno.

Tratando-se do conhecimento geográfico, é preciso levar em consideração os conhecimentos e experiências inerentes a realidade cotidiana do aluno. A Geografia ensinada tem sua base calcada na ciência de referência, porém sua composição é constante, de modo que há uma interação entre os conteúdos clássicos e temas da geografia cotidiana. Isso resultará em um processo de ampliação da cultura do aluno.

Considerando o valor educativo da Geografia, o conteúdo “solo” ministrado no Ensino Fundamental, faz necessário o exercício de uma prática pedagógica na qual é destaque o papel do professor e das suas ferramentas de ensino em relação ao contexto em que se inserem na realidade local.

As maiores dificuldades encontradas, quanto à possibilidade de o tema ganhar mais destaque e importância nas aulas, é o de abordar o assunto relacionando com a realidade que os alunos vivem. Além disso, é importante também destacar que para transmitir o valor do solo, é necessário que o aluno vá além do conhecimento, precisa que ele tenha experiência com o mesmo, aprendendo e vivenciando as práticas corretas e incorretas do uso, ocupação do solo e a necessidade de sua conservação, desde a sua formação até a utilização atual.

Conclui-se dessa forma que os conteúdos sobre solos, embora abordados nos PCN's e também nos currículos escolares bem como nos livros didáticos utilizados, ainda não adquiriram a importância que merecem isso porque há uma carência nos conteúdos dos livros didáticos e na formação básica e continuada dos

professores. Desse modo, é notória a urgência no “refletir” a respeito dos temas abordados e também na possibilidade de se incluir os temas transversais especialmente de se propor a abordagem do solo como um conteúdo importante para que professores e alunos possam agir com maior eficácia como agentes críticos responsáveis por políticas de preservação e sustentabilidade através de um conhecimento adequado.

REFERÊNCIAS

13 **Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste: educação fundamental**, Natal, 17 a 2 de junho de 1997; organização Márcia Maria Gurgel Ribeiro, Sandra Borba Pereira. – Natal: EDUFRN, 1997.

ALMEIDA. Gil Carvalho Paulo de. **Caracterização Física e Classificação dos Solos**. Gil Carvalho Paulo de Almeida. Universidade Federal de Juiz de Fora - Faculdade de Engenharia. 2004.

AMARAL, SOUZA, MORAES. **Solo e Ambiente: uma proposta de ensino para o 6º ano do lyceu de Goyaz**. Helio Ferreira do Amaral; Neuza Aparecida de Souza; Dominga Correia Pedrosa Moraes. Anais – Goiás. V1, n1, p. 127 – 130, 2013. (VIII Encontro Dia do Geografo – UEG/UnU Goiás.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB : Lei de diretrizes e bases da educação nacional** [recurso eletrônico] : Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 9. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 45 p. – (Série legislação; n. 118).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : geografia / Ensino de quinta a oitava séries**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/ SEF, 1998. 156 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ciências naturais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 126p.

Cadernos Geográficos/ Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geociências. – n.1 (maio 1999) – Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999 – v 23cm. – nº 12 2005.

CALLAI, H.C.; ZARTH, P.A. **O estudo do município e o ensino de história e geografia.** Ijuí, Unijuí Editora, 1988.

_____. Helena Copetti Callai. **As Transformações no Mundo da Educação: Geografia, Ensino e Responsabilidade social.** Publicação semestral da Associação dos Geógrafos Brasileiros AGB. - ANO 1999 NÚMERO 14.

CAMPOS, Francisco. Exposição de Motivos. In: BRASIL. Ministério da Educação e Saúde Pública. Organização do Ensino Secundário. Porto Alegre: Livraria Globo, 1933. p. 5-10. **FUNDAMENTOS teórico-metodológicos do ensino e da pesquisa em Geografia: textos selecionados das primeiras publicações da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – GEOGRAFIA (1935-1936) e BOLETIM DA AGB (1941- 1944).** / Org. por Vanderli Custódio. – São Paulo, SP: AGB, 2012.

CISE. Centro de Interpretação da Serra da Estrela **Estudo do Solo.** 2012. <http://www.cise.pt/pt/images/Projetos/EA/pdf%20casal%20do%20rei/4%20-%20Estudo%20do%20Solo.pdf>

COELHO, M.R; FIDALGO, E. C. C; SANTOS, H. G. dos; BREFIN, M de L. M. S; PEREZ, CNPS. **Solos: tipos, suas funções no ambiente, como se formam e sua relação com o crescimento das plantas.** Artigo em anais de congresso, 2013. <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/handle/doc/974201>.

COSTA E MESQUITA. **SOLOS E ENSINO: A PROPOSTA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA E DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS** Auristela Afonso da Costa, Natália Lucas de Mesquita, Porto Alegre - RS, 2010.

COSTA; José Lenivaldo P. da; PESSOA. Sandra Mara; NASCIMENTO. Risoneide Ribeiro; SILVA. Marcelo Alexandre. **SOLO : FAZENDO E APRENDENDO. UMA EXPERIÊNCIA TEÓRICA PRÁTICA NA ESCOLA.** José Lenivaldo P. da Costa, Sandra Mara Pessoa, Risoneide Ribeiro Nascimento, Marcelo Alexandre Silva. Editora Realize. Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idin_scrito_1403_417813095f1424489cec5eb616d4b201.pdf

DEZOTTI e ORTIZ O ENSINO DE GEOGRAFIA EM ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA NA CIDADE DE SANTA MARIA, RS: UMA ANÁLISE METODOLÓGICA.

Marisa dos Santos Dezotti e Ail Conceição Meireles Ortiz. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 11, n. 1, p. 79-91, 2010

FALCONI, S. Produção de material didático para o ensino de solos. Rio Claro, 2004. 125f. Dissertação (Mestrado) – INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS-UNESP, Rio Claro.

FRASSON e WERLANG ENSINO DE SOLOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONTRIBUIÇÕES DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA., Vanise da Rosa Frasson, Mauro Kumpfer Werlang. Geografia: Ensino & Pesquisa, Santa Maria, v. 14, n. 1, p. 94- 99, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDAMENTOS teórico-metodológicos do ensino e da pesquisa em Geografia : textos selecionados das primeiras publicações da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – GEOGRAFIA (1935-1936) e BOLETIM DA AGB (1941- 1944). / Org. por Vanderli Custódio. – São Paulo, SP : AGB, 2012.

GEBRAN. Raimunda Abou. A GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL - TRAJETÓRIA HISTÓRICA E PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS Raimunda Abou Gebran. Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE.- 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Manual Técnico de Pedologia. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Rio de Janeiro 2007. Diretoria de Geociências Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. Manuais Técnicos em Geociências número - 4

LIMA. **O SOLO NO ENSINO DE CIÊNCIAS NO NÍVEL FUNDAMENTAL.** Marcelo Ricardo de Lima. *Ciência & Educação*, v. 11, n. 3, p. 383-394, 2005.

LIMA; LIMA; MELO. **O solo no meio ambiente: abordagem para professores do ensino fundamental e médio e alunos do ensino médio.** Universidade Federal do Paraná. Departamento de Solos e Engenharia Agrícola. Curitiba: Departamento de Solos e Engenharia Agrícola, 2007. Valmiqui Costa Lima; Marcelo Ricardo de Lima; Vander de Freitas Melo.

MORENO; BUSQUETS; CAINZOS; FERNANDEZ; LEAL; SATRE; Montserrat Moreno, Maria Dolors Busquets, Manuel Cainzos, Tereza Fernandez, Aurora Leal, e Genoveva Satre. Título original: ***Los temas transversales – Claves de la formación integral.*** Santilana AS. Elfo, 32 – 28027 – Madri. 1993

NUNES. Adão Cícero Ferreira. **AS DIFICULDADES DE ENSINAR GEOGRAFIA.** Adão Cícero Ferreira Nunes. LONDRINA – VOLUME 13 – NÚMERO 1 – JAN./JUN. 2004. Disponível em <http://www.geo.uel.br/revista>

OLIVEIRA e CAMPOS. **ANÁLISE DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE PORTALEGRE – RN.** Erilmar Dias Oliveira, Maria Alcicleide Ferreira Campos. Rio Grande do Norte, 2011.

OLIVEIRA, F. H. T. de. **Notas de aula da Disciplina de Gênese, Morfologia e Classificação de Solos.** – PB – 2005

PONTUSCHKA, Nídia Nascib. **Para ensinar e aprender Geografia.**, Nídia Nascib Pontuschka, Tomoko Lyda Paganelli, Núria Hanglei Cacete. 1ª ed. – São Paulo: Cortez. 2007. – (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental).

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia nas series iniciais: o desafio da totalidade mundo /** Rafael Straforini.- Campinas, SP.: [s.n.], 2001.

VESENTINI, José William. **Para uma geografia crítica na escola.** São Paulo: Ática, 1999.

WERLANG; FRASSON. ENSINO DE SOLOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONTRIBUIÇÕES DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA. Vanise da Rosa Frasson; Mauro Kumpfer Werlang. 5º Seminário de Mestrado em Geografia- UFSM. Santa Maria, novembro de 2009.

APÊNDICES

Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de Geografia
Curso de Licenciatura Plena em Geografia
Campus I – Campina Grande – Paraíba

**Questionário aplicado aos alunos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental na
Escola Ademar Veloso da Silveira**

Variável: Socioambiental

Fonte: Pesquisa de campo realizado em agosto de 2015

01 – para você o que é Geografia?

02 – Qual a importância e utilidade para seu dia-a-dia?

03 – O que é solo?

04 – Relacione Geografia e Solo

05 – Qual a Composição do solo?

06 – O que você estuda sobre Solos?

07 – Quais os tipos de solo?

08 – De que forma o conhecimento de solo adquirido na escola irá contribuir para sua vida?

09 – Qual a importância do solo?

10 – Qual o papel do solo para o desenvolvimento humano?
